

Introdução

Fabiana Gonçalves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GONÇALVES, F. Introdução. In: *De poeta a editor de poesia: a trajetória de Machado de Assis para a formação de suas Poesias completas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 15-34. ISBN 978-85-7983-658-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Iniciamos nossa investigação sobre a poesia de Machado de Assis ainda na graduação, realizada entre os anos de 2003 e 2006. Ainda em nível de iniciação científica, o projeto revelou-se profícuo, sendo estendido para o mestrado. Com o título “O instinto de americanidade na poesia de Machado de Assis”, a pesquisa, orientada pelo professor doutor Luiz Roberto Velloso Cairo, des-cortinou-nos um território machadiano pouco explorado, cuja atividade, constituída por quase cinquenta anos de prática literária, contempla poemas religiosos, dramáticos, herói-cômicos, líricos, circunstanciais, traduções/recriações e ainda muitas crônicas rimadas. Dos estudos desenvolvidos nesses primeiros anos surgiu a ideia de examinar a tarefa de editor desempenhada por Machado de Assis para a formação da obra síntese de sua produção em verso, as *Poesias completas*, coletânea lançada em 1901.

Assim, procuramos estudar o percurso de produção da seleta machadiana na tese de doutorado, origem deste livro. O desejo de prosseguir com os estudos cristalizou-se justamente por conta do espaço ofertado à poesia na carreira literária do escritor. A bem da verdade, a crítica brasileira oitocentista não a ignorou, haja vista o número de resenhas contemporâneas (em sua maioria positivas) destinadas aos volumes poéticos. No entanto, essas produções

aproximam-se mais do estilo empregado em notas de apresentação de livros recém-lançados do que de fato de exercícios reflexivos sobre conteúdo e forma em literatura. De qualquer modo, esses textos contribuem para o conhecimento de teorias e metodologias adotadas pela crítica no XIX, cujos parâmetros mostram-se essenciais para a compreensão da atividade do poeta em seu transcurso histórico. Atravessando quase todo o século seguinte, esse quadro começou a se modificar nos últimos anos, quando grande parte dos especialistas passou, enfim, a considerar todas as composições do autor como elementos essenciais ao conjunto de sua obra. Ainda assim, são poucos os trabalhos acadêmicos destinados unicamente a Machado de Assis poeta.

Em meio às teses e dissertações dedicadas à obra machadiana, encontramos cinco estudos direcionados à poesia. Dentre eles, quatro são de cunho analítico: de Cláudio Murilo Leal, *A poesia de Machado de Assis*, tese de doutorado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2000; de Flávia Vieira da Silva do Amparo, *Um verme em botão de flor: a ironia na poética machadiana*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2004, e outro mais recente, a tese de doutorado *Sob o véu dos versos: o lugar da poesia na obra de Machado de Assis*, apresentada à mesma universidade em 2008; de Anselmo Luiz Pereira, *Machado de Assis: um percurso pela poesia*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais em 2005. O quinto trabalho, de Rutzkaya Queiroz dos Reis, *Poesias completas de Machado de Assis: um passeio pelas edições para o estabelecimento dos textos*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas em 2003, dedica-se a problemas tipográficos verificados nas edições machadianas de poesia até então disponíveis no mercado editorial brasileiro.

Recuando um pouco nas datas e considerando outros formatos de textos, deparamo-nos com vários escritos a respeito da obra em verso do autor. Por enquanto, e até onde temos notícia, a única pesquisa publicada no formato comercial de livro dedicado exclusivamente à produção em verso do escritor fluminense no Brasil

resulta das investigações de Cláudio Murilo Leal: *O círculo virtuoso: a poesia de Machado de Assis* (2008). Lançados ao público no ano em que transcorriam as celebrações alusivas aos cem anos de morte do poeta, as pesquisas de Leal ressaltam o caráter narrativo da poesia machadiana e a necessidade de reposicioná-la no mapa da literatura brasileira.

Dentre os estudos breves, sobressaem os textos introdutórios às antologias preparadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos e Alexei Bueno. Na introdução escrita por Ramos, a produção em verso de Machado de Assis é contextualizada histórica e esteticamente. Publicado nos anos 2000, o texto de Bueno, além de discorrer sobre o panorama literário do Brasil oitocentista, aponta diversos equívocos cometidos em análises superficiais da poesia machadiana. Na contramão dessa corrente, *A juventude de Machado de Assis* (1971), de Jean-Michel Massa, destina vários capítulos à obra poética do escritor. Não podendo ser diferente,¹ as reflexões de Massa verticalizam-se sobre as primeiras produções do escritor, e isso significa estudar fundamentalmente os versos de Machado de Assis.

De igual modo, Raimundo Magalhães Jr. (1907-1981) debruça-se sobre as produções iniciais do escritor em textos como: “Da poesia para prosa”, “Machado de Assis e o Império Mexicano” e “A publicação das *Crisálidas*”, todos inseridos no primeiro volume da série *Vida e obra de Machado de Assis* (1981). Como se sabe, a pesquisa do especialista francês Massa compreende o período de 1839-1870, portanto, apenas as duas primeiras compilações, *Crisálidas* e *Falenas*, aparecem no seu estudo. Já Magalhães Jr. restringe-se à primeira coletânea. Suplementarmente, o terceiro capítulo de *Apresentação de Machado de Assis* (1987), de Ivan Teixeira, abarca

1 Nesse livro, Jean-Michel Massa concentra seus estudos nas fases iniciais da atividade literária de Machado de Assis, isto é, desde a data de nascimento do poeta, em 1839, até o ano de 1870. No prólogo do volume, Antonio Candido afirma: “E, mais do que ninguém de que eu tenha notícia, mostrou como era preciso conhecer as fases iniciais, em lugar de uma concentração por vezes excessiva (sobretudo quando é exclusiva) na maturidade gloriosa do escritor”. Para mais detalhes, cf. Massa (2009).

também os outros dois volumes poéticos. Entretanto, a despeito das contribuições advindas desses estudos, com relação às três primeiras décadas de existência de Machado de Assis poucos acréscimos informativos foram sugeridos após a pesquisa de Massa.

Além de trabalhos nacionais, conseguimos importar um livro inédito no Brasil: *The poetry of Machado de Assis*. Embora não constitua propriamente uma novidade, a pesquisa estrangeira evidencia a importância da obra machadiana no cenário literário internacional. Resultado de um doutoramento, o livro, lançado em 1984, edifica-se a partir do entrecruzamento de várias culturas. Escrito em língua inglesa por uma pesquisadora japonesa, Lorie Ishimatsu, e editado por uma companhia espanhola, o texto examina cronologicamente a poesia machadiana, discute a importância da atividade crítica do escritor e, de modo breve, analisa a recepção aos poemas. Antes, porém, ainda na “Introdução”, Ishimatsu (1984) enfatiza:

Despite the enormous number and works, very little has been written on his poetry, especially in recent years. Most general studies on Machado devote a few paragraphs or pages to his poetry for the sake of completeness but do not treat the subject in depth, and the few existing articles, essays, and reviews of Machado's poetry are sparsely scattered in periodicals and anthologies. (p.13)

[Apesar do grande número de estudos, muito pouco tem sido escrito sobre a poesia machadiana, em especial nos últimos anos. A maioria dos estudos sobre Machado de Assis dedica alguns parágrafos ou páginas a sua poesia por uma questão de integralidade, mas não trata o gênero em profundidade, e os poucos artigos, ensaios e resenhas existentes estão dispersos em revistas e antologias.] (Tradução nossa)

Quanto aos ensaios sobre a poesia machadiana, destacam-se “Falsete à poesia de Machado de Assis”, de Mário Curvello (1982); “A poesia de Machado de Assis no século XXI: revisita, revisão”, de Élide Valarini Oliver (2006); e “Machado de Assis e o cânone

poético”, de Francine Weiss Ricieri (2008). Ao primeiro deve-se o mérito pelo pioneirismo nos estudos sobre o processo de composição das *Poesias completas*. Nele encontra-se a origem dos apontamentos desenvolvidos neste livro. O ensaio de Oliver, premiado no I Concurso Internacional Machado de Assis, promovido pelo Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores em 2006, dedica-se fundamentalmente às reminiscências textuais de escritores estrangeiros na poesia de Machado de Assis. Por último, o texto de Ricieri busca situar a poesia machadiana e identificar o seu lugar no cânone literário brasileiro.

Cumprе ressaltar a correspondência entre os ensaios de Oliver e de Ricieri, na medida em que ambos teorizam um *topos* obsessivo entre os estudiosos da área: o caso das influências. O primeiro aborda a influência da literatura estrangeira nos versos machadianos, e o segundo, a influência da poesia de Machado de Assis na consolidação do cânone poético nacional. Pouco exploradas, essas questões aguardam olhares atentos. Após a leitura da crítica especializada e, evidentemente, do próprio *corpus* selecionado para a pesquisa desenvolvida no doutorado, o projeto de examinar a função exercida pelo poeta frente à organização das *Poesias completas* solidificou-se, em especial porque notamos a recorrência e essencialidade das intervenções autorais nas etapas de elaboração da antologia.

Uma vez perfiladas as extremidades do universo poético machadiano, resta-nos incursioná-lo. Desde a sua estreia aos quinze anos com o soneto “À Ilma. Sra. D. P. J. A.”, publicado no *Periódico dos Pobres* em 3 de outubro de 1854, até o ano de sua morte em 1908, Machado de Assis escreveu, até onde foi possível apurar, cerca de duzentos poemas, várias traduções e também 48 crônicas em verso produzidas entre os anos de 1886 e 1888, sob o título de “Gazeta de Holanda”, veiculadas pela *Gazeta de Notícias*. No prefácio à coletânea intitulada *Poesia e prosa*, José Galante de Sousa afirma: “Num balanço geral, que me foi possibilitado pelo levantamento bibliográfico, tão completado quanto possível, da obra machadiana, concluí que o poeta produziu nada menos de 278 poemas [...] incluindo-se as crônicas rimadas e as traduções” (Assis, 1957, p.11).

A história editorial dos livros de poesia de Machado de Assis ratifica a indeterminação literária usualmente associada ao conjunto publicado na *Gazeta de Notícias*. Isso porque ora as crônicas versificadas são incluídas no rol de poemas, ora são excluídas. As três últimas antologias machadianas lançadas no mercado literário brasileiro exemplificam essa questão. A *Obra completa em quatro volumes*, lançada em 2008 pela Nova Aguilar, inclui os poemas em verso na seção “Crônica”. Por sua vez, a antologia organizada por Claudio Murilo Leal, *Toda poesia de Machado de Assis*, também de 2008, inclui a “Gazeta de Holanda” entre os poemas machadianos. A propósito, a hibridez do gênero não afastou as versíprosas machadianas das análises de Leal em o *Círculo virtuoso*. Por fim, em *A poesia completa* (2009), preparada por Rutzkaya Queiroz dos Reis, foram excluídas. Segundo a organizadora, as crônicas em verso “[...] repetem uma prática que estabelece outras formas que não a poesia por meio da estrofação, métrica e rima, mas que não autoriza esses textos a compor o que até antes de Machado se chamou de mimesis” (p.22).

Talvez tenha sido essa a concepção adotada pelo escritor, pois de toda a sua produção poética resultaram quatro livros, mas nenhum deles abriga a “Gazeta de Holanda”. Os tomos editados por Machado de Assis são: *Crisálidas*, publicado em 1864; *Falenas*, lançado em 1870; *Americanas*, de 1875; e *Ocidentais*, publicado em 1901, juntamente com a reedição das três primeiras obras reunidas em um único volume intitulado *Poesias completas*. Para a constituição dessa coletânea, muitos poemas compilados na primeira edição das *Crisálidas*, das *Falenas* e das *Americanas* foram expurgados. Dos 29 poemas reunidos na primeira edição das *Crisálidas*, 17 foram excluídos, e dos 35 publicados em 1870 em *Falenas*, somente 25 foram reeditados. Contrariamente ao esperado, haja vista as críticas ao tributo indianista, o único poema das *Americanas* não reeditado em 1901 foi “Cantiga do rosto branco”.

Além das supressões integrais de diversos poemas, muitos deles tiveram suas estruturas parcialmente modificadas: ajuste nos títulos, substituição ou supressão de estrofes e alterações na metrifica-

ção estão entre as intervenções realizadas. Essa constante vigilância evidencia, acima de tudo, a presença intensa da autocrítica na carreira do poeta e demonstra seu empenho e sua dedicação ao gênero. Com a organização e o lançamento da sua antologia, Machado de Assis divulgou para o seu público um volume síntese de toda a sua atividade criadora dedicada aos versos. Sob as notas, por vezes registradas nas primeiras edições e posteriormente eliminadas, sob os ensaios, as cartas, os manuscritos, os poemas não transformados no ser de linguagem que é o livro, sob os remanejamentos estruturais ou cortes de poemas, versos e marcas extratextuais, podem estar, conforme registrou Maria Zilda Ferreira Cury (1993, p. 81), “os avessos e traçados da atividade ficcional e poética” de um artista. Dessa forma, por meio de apreciações dos procedimentos poéticos empreendidos por Machado de Assis durante seu transcurso literário, acreditamos ser possível apreender o processo criativo do autor enquanto poeta e editor das *Poesias completas*.

Nessa linha, os estudos geneticistas forneceriam alguns elementos teóricos indispensáveis para o aprofundamento e a análise do sistema e dos modos de conformação dos volumes machadianos. Voltando-se para o estudo do prototexto, fundamentado no conceito de que todo documento também é monumento, esta leitura poderá contribuir para a compreensão das fases criativas do poeta. A enumeração e o exame interpretativo dos poemas – incluindo, quando for o caso, na nossa mobilização metodológica, as respectivas reelaborações – que foram publicados isoladamente na imprensa e/ou agrupados em coletâneas, mas não compilados por Machado de Assis nas *Poesias completas*, podem desvendar, por exemplo, as preferências estéticas do escritor e, por meio destas, confirmar dissensões ou diálogos com a arte de seus contemporâneos.

Por configurar-se disciplina de forte apoio aos estudos desenvolvidos nesse livro, convém rastrear o percurso e as áreas de atuação da Crítica Genética. Relativamente nova, a disciplina remonta aos anos finais da década de 1960, quando o Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS) reuniu uma equipe de pesquisadores com a intenção

de organizar os manuscritos do poeta Heinrich Heine recém-chegados à Biblioteca Nacional de Paris. Em 1982, o grupo formado por esse centro transformou-se em uma instituição, o Institut des Textes et Manuscrits Modernes (Item). Atrelado ao CNRS, o Item promoveu a formação de grupos de estudo responsáveis pelos acervos de escritores como Zola, Flaubert e Sartre. Perscrutando áreas específicas, como a autobiografia, a informática e a linguística, esses grupos estenderam os domínios da Crítica Genética.

No Brasil, a tendência foi introduzida por Philippe Willemart, professor de literatura francesa da Universidade de São Paulo (USP). Concebendo o manuscrito como objeto privilegiado para estudar o funcionamento do inconsciente, o pesquisador dedicou-se inicialmente aos processos de criação de Flaubert. Além da pesquisa com vistas a examinar a relação entre psicanálise e literatura, Willemart conduziu o primeiro curso de pós-graduação sobre Crítica Genética. Ofertado pela USP, o curso reuniu pesquisadores ainda em início de mapeamento da disciplina, dos seus objetos e das suas teorias. Mais tarde, o grupo criaria a Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML).

Desse centro surgiram diversos grupos de pesquisa sobre gênese artística em todo o Brasil, naturalmente com objetos, metodologias e teorias diferentes. Enquanto os estudos desenvolvidos pelo Laboratório do Manuscrito Literário da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP dialogam com a psicanálise, o Centro de Estudos de Crítica Genética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo estabelece, em suas investigações, diálogo com a semiótica peirceana. Em 2002, diante da ampliação do campo de ação dos estudos genéticos entre os estudantes brasileiros, a APML alterou seu nome, anteriormente com inclinações apenas para o literário, para Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG), agregando, desse modo, domínios diversos.

Desde então, novos cursos, entidades e veículos especializados foram criados com o propósito de fomentar a pesquisa genética no Brasil. Dentre as inúmeras publicações, convém destacar a *Manuscritica*: revista de crítica genética. Lançada em 1990, reúne traba-

lhos nacionais e estrangeiros, garantindo assim a multiplicidade de enfoques. Fundada por Telê Ancona Lopes, Cecília Almeida Salles, Philippe Willemart, Sônia Maria Van Dijk de Lima e Lilian Ledon da Silva, a revista esteve, por períodos alternados, sob a direção de Marcos Antonio de Moraes e Verónica Galíndez-Jorge, a edição de Mônica Gama e Claudia Amigo Pino e a coordenação de Cecília Almeida Salles. Atualmente, a *Manuscrita* é coeditada pela APCG e comandada por Sergio Romanelli, da Universidade Federal de Santa Catarina, e pela Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da USP. Com edições semestrais, todos os números da revista são disponibilizados em versão digitalizada em site próprio, além de o produto impresso ser comercializado pela Editora Humanitas.

No tocante à prática, a crítica genética brasileira caracteriza-se mais pela observação e compreensão do processo do que pela reconstituição do percurso formativo da obra, em busca da sua origem. Nesse cenário, geneticistas propõem abordagens com perspectivas e métodos diferentes. A esse respeito, Willemart (2004) afirma:

Grosso modo, os geneticistas dividem-se em dois grupos acerca do caminho a seguir em suas pesquisas. Alguns pretendem reconstituir o percurso genético do começo dos traços ao texto publicado e deverão recorrer, em nosso caso, aos escritos precedentes, à correspondência ou aos romances, às poesias, às peças de teatro, ou até mesmo às edições anteriores. Outros, partindo do texto publicado, e pouco preocupados com uma cronologia que não corresponde à realidade da criação, subentendem que nossa mente trabalha como em um palco e não segundo o tempo do calendário e se virarão mais facilmente na direção dos livros lidos, cadernos de trabalho ou anotações que serviram de base à escritura. Farão então pesquisa na biblioteca do escritor se ela existe ou em arquivos digitalizados em computador, CD ou disquete. (p.38-9)

A transcrição, extraída do artigo “A crítica genética diante do programa de reconhecimento vocal”, integra o pensamento do pes-

quisador acerca dos modos de atuação de pesquisadores em crítica genética, inclusive perante as novas tecnologias de informação e comunicação. Na esteira dessas inovações tecnológicas, cujas ações afetam diretamente os meios de produção e circulação da obra literária, começaram a surgir questionamentos sobre possíveis formas de registro das etapas criativas de composições processadas em bits. Nesse mesmo terreno, Silviano Santiago (2000) discute, em “Com quantos paus se faz uma canoa”, as formas de armazenamento e os (des)caminhos da criação literária na era da informática.

Como veremos, a esse impasse recente atrelam-se dúvidas e respostas antigas. Isso porque o dossiê revelador do processo de criação de um escritor, em especial do oitocentista, nem sempre (ou quase nunca) está arquivado, à espera do olhar do geneticista. E, se hoje os métodos de composição são os responsáveis pela destruição dos rastros deixados pela obra, no século XIX os próprios artistas descartavam seus manuscritos ou raramente os arquivavam e, quando o faziam, preservavam apenas documentos sem marcas do trabalho inventivo, portanto, isentos de valor significativo para a crítica genética. Nesses casos, cabe ao pesquisador, munido de teorias e metodologias genéticas variadas, associando-as ou não a outras ferramentas, rastrear o percurso criativo do artista por outros caminhos.

Não fugindo à regra, Machado de Assis conservou pouquíssimos documentos relativos às fases criativas de suas obras. À primeira vista, a imagem predominante e indissociável entre manuscrito e estudos de gênese talvez tenha contribuído para a escassez de pesquisas genéticas sobre a obra do escritor. Por outro lado, ainda que restrito aos limites da prosa, ao se considerar estudos comparativos entre variantes publicadas em suportes diferentes e orientados não apenas pelo prisma genético, o número de trabalhos sobre o assunto amplia-se. Um dos primeiros escritos a esse respeito surgiu em resposta à edição crítica de *Quincas Borba*, preparada pela Comissão Machado de Assis em 1960, cujo apêndice reunia pela primeira vez a versão folhetinesca do romance, publicada quinzenalmente entre os anos de 1886 e 1891 em *A Estação*.

De autoria de Augusto Meyer, “*Quincas Borba* em variantes” (1986) examina comparativamente os dois formatos publicados pela Comissão. Ele afirma que o trabalho empreendido por Antônio José Chediak, Celso Cunha, Antônio Houaiss e Galante de Sousa permitiu ao público machadiano o conhecimento de uma faceta impura do autor, que assim como todos escritores, quando visto por dentro, “ [...] é também outra coisa, desarrumada e suja, como a folha cheia de emendas: é um encadeamento de fraquezas superadas, um errar, divagar, desacertar, que se torna consciente e, passando pelo crivo das correções, apaga afinal os vestígios de seu descaminho” (p.339). No entanto, a impureza machadiana não fora plenamente desvendada, pois, a despeito da importância dessa edição, recentemente descobriu-se que duas partes perdidas, publicadas em 15 de janeiro e 15 de abril de 1887, tornavam incompleto o texto anexado à edição organizada pela Comissão de Machado de Assis.² Nas décadas seguintes, as variantes do romance machadiano tornaram-se objeto de estudos mais profundos e com enfoques variados, sobretudo acerca dos efeitos de sentido e/ou redirecionamento de leituras operacionalizados pelas (re)escritas do texto.

Desenvolvida recentemente, a pesquisa de doutorado de Ana Cláudia Suriani da Silva (2007): *Machado de Assis’s philosopher or dog? From serial to book form*, apresentada à Universidade de Oxford, analisa a transição de *Quincas Borba* do formato seriado para o de volume único. A leitura, além de genética, visto que a

2 Depois da edição crítica de 1960, a Comissão Machado de Assis preparou apenas mais uma edição, em 1975, cujo conteúdo traz o cotejo das três edições publicadas em vida do escritor (1891, 1896, 1899) e, em anexo, a versão seriada do romance. Evidentemente, nessa última edição também não foram incluídas as duas partes perdidas. De fato, apenas o conteúdo publicado na página 29 do suplemento quinzenal da revista *A Estação*, de 15 de abril de 1887, fora localizado e inserido no volume produzido pela Comissão. Em 2005, a pesquisadora Ana Cláudia Suriani da Silva (2005) publicou o artigo “Cinco capítulos dados como perdidos da primeira versão de *Quincas Borba*”, no qual revela a descoberta do restante do suplemento da mesma data, com os capítulos LVIII, LIX, LX, LXI e parte do LXII, no Instituto Histórico de São Paulo.

pesquisadora dedica-se a questões relativas a práticas escriturais, garante espaço para o exame das condições de enunciabilidade em cada uma das versões. Publicada em 2010, a pesquisa de Suriani da Silva veiculada pelo suporte livro ainda não conta com tradução em língua portuguesa.³ Estritamente vinculada à crítica genética, a investigação da pesquisadora, em nível de mestrado, volta-se também para a prosa machadiana. Ela investigou a transição da comédia “As forcas caudinas” para o conto “Linha reta e linha curva”, originalmente publicado entre outubro e dezembro de 1865 e janeiro de 1866 no *Jornal das Famílias* e, em seguida, na coletânea *Contos fluminenses* (1870).

Da peça teatral machadiana, conservou-se o manuscrito com 67 páginas, cuja cópia autógrafa foi utilizada por Suriani da Silva para recuperar o trajeto iniciado pela produção escrita para o teatro, seguida da composição reescrita para o folhetim, e finalmente concluída com a fixação do texto para a versão contística. Sob guarda da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o manuscrito de “As forcas caudinas” inclui-se entre os raros documentos autógrafos de Machado de Assis. Repaginada sob o título *Linha reta e linha curva*: edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis (2003), a dissertação de Suriani da Silva, apresentada à Universidade Estadual de Campinas em 1998, colaciona as três versões (comédia, folhetim e conto), interligando questões de gênese e gênero literário, e, ao fazê-lo, inaugura, se se pode dizer desta maneira, os estudos genéticos sobre a obra machadiana. Por último, a autora disponibiliza para o leitor uma reprodução fac-similar do manus-

3 Para mais detalhes, consultar: Silva (2010). Em 2010, a revista eletrônica *Machado de Assis em linha* publicou uma resenha sobre o livro de Suriani da Silva. De autoria de Verónica Galíndez-Jorge, a resenha encontra-se disponível em: <<http://machadodeassis.net/revista/numero06.asp>>, acesso em: 10 mar. 2014. Embora o livro não esteja disponível em língua portuguesa, diversos desdobramentos da pesquisa de Suriani da Silva podem ser encontrados em forma de artigos, por exemplo: “Quincas Borba: em folhetim e em livro”, disponível em: <<https://sitemason.vanderbilt.edu>>, acesso em: 10 mar. 2014.

critico de “As forcas caudinas”, acompanhada de uma transcrição diplomática da peça machadiana.

Ainda na enseada dos contos, Jaison Luís Crestani escreveu o artigo “O alienista: análise das variantes do folhetim e do livro”, publicado em *Crítica textual e edição de textos* (2012), organizado por José Pereira da Silva, e Lívia Gomes (2010) produziu o artigo “O jogo escritural de ‘O imortal’, de Machado de Assis”. Crestani compara a narrativa publicada em *A Estação* entre outubro de 1881 e março de 1882 e a versão estabelecida para o livro *Papéis avulsos* (1882). A interação entre literatura e suportes materiais guia o exame do especialista, cujas observações pretendem elucidar até que ponto os diferentes suportes condicionam a escrita e a leitura da narrativa. No seu artigo, ele apresenta uma amostra do tema desenvolvido em sua tese de doutorado: *Machado de Assis e o processo de criação literária: estudo comparativo das narrativas publicadas em A Estação (1879-1884), na Gazeta de Notícias (1881-1884) e nas coletâneas Papéis avulsos (1882) e Histórias sem data (1884), defendida em 2011 na Universidade Estadual Paulista.*

No texto de Gomes, os movimentos de criação literária de “O imortal”, publicado na revista *A Estação* entre 15 de julho e 15 de setembro de 1882, são examinados a partir da primeira versão do conto “Ruy de Leão”, veiculado pelo *Jornal das Famílias* entre janeiro e março de 1872. Observações iniciais sobre a superfície visível de ambas as narrativas desvendam cortes de encadeamentos no texto reelaborado, garantindo-lhe maior dinamicidade. No entanto, a fragmentação da história apenas concede a chave para a leitura e interpretação de Gomes, cuja atenção recai sobre a radicalização de técnicas literárias – identificadas como “hipertrofia de lances romanescos” – confirmadas pela variante.

Essa prática nada teria a ver com uma possível inaptidão do autor. Pelo contrário, de acordo com a articulista, esses artifícios “[...] funcionam no texto como sinalizadores do pastiche de lugares comuns românticos. Tanto aqui [em ‘O imortal’] como em ‘Ruy de Leão’, a ironia está no emprego de aventuras romanescas para, sucessivamente, ridicularizá-las” (Gomes, 2010, p.106). Associadas

a essas aventuras estariam as sequências frasais destinadas às comparações, cuja recorrência marcaria o jogo escritural machadiano. Responsáveis por construções imagéticas medíocres, essas fórmulas denotariam algo a mais: “Efetivamente, elas parecem indicar o pastiche como procedimento literário, pois são um elemento a mais que torna risíveis os lances romanescos do protagonista” (id., *ibid.*, p.108).

O estudo da contística machadiana, especialmente as investigações a respeito das condições de produção, circulação e recepção da obra a partir de modelos textuais concebidos para diferentes suportes, apoia-se em trabalhos acadêmicos pioneiros, como o de Sílvia Maria Azevedo, *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livro* (1990). De reflexões e problematizações acerca da adequação formal do texto fictício aos diferentes públicos entre o periódico e o livro, as pesquisas genéticas sobre a obra de Machado de Assis recebem suportes teórico-metodológicos fundamentais para o entendimento das práticas de escrita do autor, independentemente do gênero. Entretanto, a lista de leituras sobre a poesia machadiana norteadas pelo viés genético resume-se a poucas linhas, ou melhor, encontramos apenas um artigo com tendências genéticas: “A poesia machadiana: versões, traduções, revisões e diálogos – uma musa de roupas embebidas”, publicado em 2006 na *Manuscrita*.

Assinado por Ricieri, o texto analisa os bastidores estéticos de “A morte de Ofélia”, poema incluído nas *Falenas* em 1870, mas abnegado da antologia editada em 1901. Ao delinear a prática literária de Machado de Assis durante as primeiras décadas enquanto espaço de entrecruzamentos entre escrita e reflexão, a ensaísta vincula a exclusão da paráfrase do texto shakespeariano das *Poesias completas* a certa renúncia do crítico fluminense “[...] ao engajamento nas questões em que se enredava, então, a lírica” (Ricieri, 2006, p.235). Por analogia, a personagem decadente de Shakespeare figurava entre os poetas decadentistas e simbolistas como uma possibilidade de representação dos impasses vivenciados pela arte nos últimos

decênios dos oitocentos. Segundo a ensaísta, a imagem feminina desencaminhada e suicida reproduzia, naquele imaginário, o próprio destino da poesia e da pintura, ambas desprovidas de espaço e existência nos anos finais do século XIX. Mais tarde, movido pela lucidez crítica, Machado de Assis recusaria a musa enlouquecida.

Descomprometido com rascunhos, traços escriturais ou variantes publicadas em tempo e/ou formatos diferentes, o procedimento estabelecido pela ensaísta não incorpora manuscritos ou periódicos em suas análises. Ao fazê-lo, permite ao leitor apreender um método genético orientado não somente por estudos de passagens reescritas ou trechos eliminados, mas também pela análise comparativa entre edições republicadas, mais estritamente, de peças inventariadas no sumário de determinada coletânea e excluídas de projetos futuros. A metodologia empregada por Ricieri justifica-se pela quase inexistência de manuscritos de poemas machadianos; os poucos relacionados no inventário do escritor são quase todos documentos limpos, com raríssimos ou nenhum traço do movimento escritural do poeta. Além disso, há o fato de, embora os manuscritos identificados conservarem em sua maioria a data da composição, não existir rascunhos de um mesmo projeto cuja ordem poderia estabelecer cronologicamente as etapas de produção do poema.

Em vista dessas limitações, os estudos genéticos a respeito da obra machadiana podem seguir o caminho sugerido por Willemart (2004) em “A crítica genética diante do programa de reconhecimento vocal”, cuja análise recupera os modos de atuação da pesquisa em crítica genética no cenário literário atual, no qual os manuscritos também não existem. De acordo com o pesquisador:

Que restaria então ao geneticista senão trabalhar sobre o texto editado e sobre os escritos paralelos: a correspondência, as várias edições, as resenhas das obras ou outros testemunhos que inevitavelmente apareceriam? Assim, o geneticista poderá se lançar na busca do processo de criação sem se preocupar com os manuscritos inexistentes nem remontar a uma origem determinada, mas a um começo de escritura. (p.38)

Dessa forma, o campo genético abarcaria inclusive diferentes versões publicadas em edições reformuladas de uma mesma composição. Complementarmente, as publicações paralelas à obra, cujo conteúdo demonstre relação com o processo criativo do autor, podem atuar como fontes de materiais e indícios para uma melhor compreensão das tendências poéticas de determinado artista. Portanto, diante das possibilidades suscitadas pelo cenário atual da crítica genética no Brasil e, por conseguinte, na América Latina, e especialmente por conta do caráter da nossa leitura da poesia machadiana, que não adotou o prisma genético como perspectiva exclusivista, vislumbramos as etapas de criação do poeta a partir das variantes publicadas nas primeiras edições e em momento posterior coletadas nas *Poesias completas*. Ocasionalmente, recorreremos aos poucos manuscritos, às versões disponíveis em periódicos, à recepção crítica da poesia machadiana e aos testemunhos de criação literária, sobretudo a produção intelectual, representada pelos ensaios de feição crítica, e o epistolário de Machado de Assis.

Nessa senda, importa ressaltar a dimensão estético-representativa⁴ da leitura operada em *De poeta a editor de poesia*, porquanto não apenas o ficcional, mas também a conjuntura histórica e os aspectos sociobiográficos de Machado de Assis contribuíram para o esclarecimento das etapas de criação dos poemas. Nesse caso, lembrando a observação de Salles (1992), “[...] o decreto do assassinato do escritor fica anulado [...]. No entanto, está claro que não é este homem que o geneticista procura mas a escritura por ele desenvolvida” (p.82-3). Investigar a dinâmica estabelecida entre o autor das *Crisálidas* e o cenário literário oitocentista brasileiro nos permitiu caracterizar as (re)orientações estéticas do poeta, as razões pelas quais possivelmente substituiu, rasurou ou suprimiu determinada composição.

O estudo dos influxos artísticos, incluindo nesse âmbito as tendências apregoadas pela literatura estrangeira e também por

4 Por dimensão estético-representativa deve-se entender o exame livre de diatribes à inter-relação entre autor, obra e meio.

escritores nacionais, refletidos sobretudo em epígrafes, traduções/transcrições, alusões, temário, paródias, forneceu informações para a construção de um panorama das confluências⁵ absorvidas pelo poeta durante o período de atividade literária dedicado à produção em verso. Examinar a absorção, a digestão e a transformação de reminiscências do outro no método composicional machadiano demonstrou como o poeta, aproveitando-se de aportes culturais diversos, criou expressões inusitadas, cujos versos tornaram-se responsáveis pela formação de um mosaico poético ainda pouco explorado. Nos arranjos desses componentes intertextuais, verificados a partir de leituras confrontantes entre discursos reestruturados, subjazem vestígios teórico-literários capazes de contribuir para o reconhecimento das técnicas utilizadas nas etapas de elaboração das *Poesias completas*. Através de exames desses recursos, buscamos indicar indícios e critérios relativos a uma possível teoria da criação poética de Machado de Assis.

Considerando o fato de que a retomada de um texto literário em contexto diferente acaba iluminando e muitas vezes realçando seu predecessor, recorreremos a estudos voltados para a dupla direção de influxo, a fim de diagnosticar rupturas, continuidades e/ou aperfeiçoamentos machadianos com respeito à tradição poética. Sob esse prisma, nossos estudos encontraram auxílio na teoria da recepção, pois

[...] os estudos de recepção e os estudos sobre influência se completam; os segundos têm necessidade dos primeiros, pois como apreciar o que determinado autor absorveu do outro ou de uma dada tradição literária se ignorarmos integralmente como teve acesso, por que intermediários se estabeleceu a relação nítida em sua obra.

5 Termo utilizado por Cunha (1998), que substituiu o termo “influência” por “confluência” nesse livro. Compreendemos que esse vocábulo expressa de maneira mais adequada a noção de intertextualidade, ao invés de “influência”, termo frequentemente tonalizado pela ideia de subalternidade e dependência. Portanto, ainda que utilizemos o primeiro termo, fizemo-lo com o sentido expresso por Cunha naquele volume.

Mesmo que a verificação do contato não seja indispensável, as ligações efetuadas nos permitirão esclarecer muito do procedimento produtivo de um autor. (Carvalho, 2006, p.73)

Enquanto vertente interdisciplinar, a crítica genética solicita e ao mesmo tempo exige a interlocução com outros domínios críticos. Desse modo, consideramos os estudos intertextuais e o comparativismo entre discursos de mesma autoria valiosos instrumentos de apoio à leitura. Seguindo esse raciocínio, ou seja, fundamentados na interdisciplinaridade subjacente ao método proposto, alcançamos meios para o resgate da faceta menos conhecida de Machado de Assis: a poesia. Propondo (re)leituras sob a óptica geneticista, intertextual e comparatista entre discursos de mesma autoria, estabelecendo relações dialógicas entre literatura e história, buscamos iluminar a trajetória de um poeta comumente ignorado, cujas tarefas desempenhadas durante o processo formador de suas *Poesias completas* o alçam ao posto de autor, crítico e editor de poesia.

Com esse propósito, dedicaremos a primeira parte deste livro à catalogação das reformulações aplicadas aos poemas quando da publicação em diferentes suportes. Antes, porém, no tópico de abertura, buscaremos delinear as fontes primárias machadianas recuperadas para a realização do nosso trabalho. Uma vez distinguidos os suportes materiais, passaremos à catalogação das reescritas elaboradas por Machado de Assis em cada um dos poemas. A fim de facilitar o estudo das modificações estruturais verificadas nas obras selecionadas pelo autor para compor a obra definitiva – *Poesias completas* – e suas respectivas variantes, publicadas originalmente em periódicos da época e/ou nas primeiras edições, os registros serão listados em tabelas individuais. Junto aos quadros demonstrativos seguirão análises sobre as possíveis ressignificações de sentidos originadas pelas alterações.

Na segunda parte, abordaremos a tarefa de editor desempenhada por Machado de Assis. Por tratar-se de atividade interpretativa, a contextualização da obra machadiana mostrou-se necessária. Por isso, inicialmente, resgataremos de forma breve a história editorial

do Brasil oitocentista. Na sequência, será examinado o processo de gênese das *Poesias completas*. No intuito de compreender o percurso formativo dessa antologia, recuperamos a correspondência do escritor (ativa e/ou passiva), em especial passagens marcadas por discussões a respeito da criação dos poemas recolhidos nos florilégios ou trechos constituídos por diálogos em torno da confecção editorial das *Poesias completas*. Por último, a empreitada machadiana de edição dessa obra, caracterizada inclusive pelas supressões, será analisada. De caráter indutivo, a investigação que originou este livro recorreu a ferramentas e práticas quase detetivescas, a fim de identificar a diretriz seguida por Machado de Assis quando da formação de sua derradeira antologia. Involuntário, esse fundamento revelaria, segundo Salles, a tendência criativa do artista. De acordo com a geneticista:

O artista é atraído pelo propósito de natureza geral e move-se inevitavelmente em sua direção. As tendências são, portanto, indefinidas mas o artista é fiel a sua vagueza. O trabalho caminha para um maior discernimento daquilo que se quer elaborar. A tendência não apresenta já em si a solução concreta para o problema, mas indica o rumo. O processo é a explicação dessa tendência. “No começo minha ideia é vaga. Só se torna visível por força do trabalho” [Maillol]. (p.37)

Com uma frase de Aristide Maillol (1861-1944), Salles (2011) sintetiza a natureza da tendência criativa, definida também por “estética do movimento criador” (p.34). Em sentido amplo, o conceito permite observações sob diferentes perspectivas. Dentro dos limites da literatura, as tendências poéticas poderiam ser esboçadas, por exemplo, através de leituras das reformulações efetivadas pelo autor durante o processo de elaboração de determinada obra. Nesse sentido, as *Poesias completas* de Machado de Assis representariam a galeria composta pelos poemas selecionados pelo autor para simbolizar o que seria a forma perfeita de sua trajetória enquanto poeta. Do mesmo modo, as produções fixadas em 1901

marcariam o contraponto das múltiplas transformações aplicadas às versões anteriores.

Motivados pelas reflexões de Salles, examinaremos as peculiaridades da escrita machadiana, a fim de apreender as tendências poéticas do autor. Nesse ponto, tendo em vista o entrelaçamento entre contexto histórico e literatura, averiguaremos o grau de influência de determinados eventos históricos, culturais e/ou movimentos estéticos na conformação arbitrada pelo poeta ao último volume de poesia. Finalmente, procuraremos esboçar as tendências poéticas machadianas. E, se partirmos sem a pretensão de cravejar no panorama literário brasileiro uma teoria da criação machadiana, ao menos incumbimo-nos da tarefa de caracterizar o *modus operandi* do poeta Machado de Assis.

Neste livro, em síntese, realizaremos um mapeamento da atividade exercida por Machado de Assis enquanto principal agente do projeto de ordenação das *Poesias completas*. Para tanto, verificaremos as reescrituras dos poemas a partir das diferentes versões apresentadas ao público, a fim de revelar a tarefa desempenhada pelo autor enquanto editor dos próprios versos e, sobretudo, identificar, por meio de vias mais ou menos plausíveis, os critérios adotados para a organização das *Poesias completas*. Assim sendo, objetivamos fornecer subsídios para a valoração do legado poético machadiano e, com isso, ressaltar a importância dessa produção para a história da poesia brasileira.